

A geração duplamente silenciosa - velhice e homossexualidade



*Maria das Graças Sobreira Leal
Márcia Regina de Oliveira Mendes*

Resumo: Neste artigo investigam-se as representações de homossexuais e envelhecimento mediante a análise de conteúdo de depoimentos via internet. Buscou-se também conhecer de que forma esses sujeitos administram o enfrentamento do envelhecimento e a perspectiva da institucionalização.

Palavras-chave: Homossexualidade; Velhice; Instituição de Longa Permanência.

Introdução

Ao contrário do homossexual jovem que vem conquistando espaços e vivendo plenamente sua sexualidade, é muito difícil cruzarmos com o gay idoso – aquele já adentrando a terceira idade, denunciado pelas rugas e cabelos grisalhos. Na realidade sabemos muito pouco sobre a sexualidade na velhice do heterossexual e o enfrentamento de suas dificuldades, e nada sabemos sobre a homossexualidade dos mais velhos, ainda restrita às fantasias do mundo LGBT e aos preconceitos contra essas pessoas.

O foco deste estudo se limitou ao segmento denominado “gay” para adentrar um pouco nesse universo e conhecer como esse grupo está lidando com o

assunto 'terceira idade' e quais seriam as expectativas de envelhecimento para o futuro. Os termos gay e homossexual terão no texto o mesmo significado.

Não há dados oficiais sobre a população LGBT no Brasil. O último censo do IBGE (2010)¹ apenas indica a existência de 60 mil casais homossexuais (a pergunta foi: 'cônjuge do mesmo sexo?'), ou seja, foram ignorados os que vivem sozinhos (a maioria) ou com família.

Entretanto, na edição atualizada de 2014 das Estatísticas do Registro Civil IBGE² revelaram as transformações na sociedade brasileira quanto a uniões homo afetivas informando a idade média de 34 anos tanto para homens quanto mulheres para o registro civil:

Entre cônjuges de mesmo sexo, em 2014, houve 4.854 registros de casamentos (0,4% do total), dentre os quais 50,3% (2.440) eram entre cônjuges femininos, e 49,7% (2.414), entre cônjuges masculinos. A partir de 14 de maio, quando se iniciou os registros dos casamentos homo afetivos, até o final do ano de 2013, foram registrados 3.701 casamentos. Observou-se que o Sudeste (60,7%) concentrou o maior percentual de uniões homo afetivas, seguido, em proporções bem menores, pelas regiões Sul (15,4%); Nordeste (13,6%); Centro-Oeste (6,9%) e Norte (3,4%). Na região Sudeste, as maiores concentrações percentuais dessas uniões foram registradas no estado de São Paulo com 66,9 % para o conjunto masculino e 71,9% para o feminino.

No Brasil há poucos estudos sobre o envelhecimento do homossexual, reforçando o silêncio sobre este tema. Encontramos blogs e sites dedicados ao assunto, geralmente criados por ativistas ou ONGs, que tentam abrir a discussão, principalmente a respeito das questões sexuais, físicas e comportamentais, porém o LGBT idoso é praticamente invisível - e o que não é nomeado não existe.

Em uma revisão sistemática buscando apresentar e discutir as principais formas de articulação conceitual e classificatória encontradas na produção científica acerca do envelhecimento, sexualidade e gênero, os autores Fernandes, Barroso et. al. (2015) concluíram que a produção acerca da sexualidade e velhice ainda é escassa. Esta pesquisa considerou os artigos publicados na base de dados Scielo - biblioteca digital de fácil acesso - no período de 2001-2013, através da combinação dos descritores de gênero - sexualidade; gay; lésbica; travestis; transexualidade; envelhecimento; velhice - publicados nos idiomas português, espanhol e inglês Como resultado dos dados, verificou-se uma lacuna no que se refere à combinação dos descritores

¹ Conforme <http://www.censo2010.ibge.gov.br/painel/>

² Ver <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=1&idnoticia=3044&busca=1&t=registro-civil-2014-brasil-teve-4-854-casamentos-homoafetivos>

como lésbicas, gays, LGBT, transexualidade e travestis em relação à velhice e ao envelhecimento.

Os estudos sócio antropológicos sobre sexualidade e velhice têm possibilitado novas e significantes reflexões como as realizadas pelo sociólogo Mota (2014) que se propôs a analisar a sexualidade no contexto da velhice, levando em conta certas experiências relacionadas à prática sexual estereotipada, como a homossexual. Henning (2014) em sua tese de doutorado apresenta um levantamento teórico da gerontologia LGBT de grande valor para discussões nesse campo, discorrendo e problematizando criticamente importantes questões que vêm sendo debatidas nos últimos anos.

Os antropólogos Debert e Henning (2015) trazem importantes contribuições para o debate em questão e concordam que há uma tendência ao apagamento, pela gerontologia, das experiências de envelhecimento e velhice que questionem ou escapem das convenções heteronormativas. Portanto, como se vê, a velhice do homossexual ainda carece de pesquisas acadêmicas de pautas específicas dos movimentos LGBT na consolidação de leis, além de um amplo leque de especializações nas ciências médicas e sociais.

Essa discussão estabelece uma tarefa desafiadora, principalmente quando seu propósito é considerar a sexualidade do ponto de vista da velhice. Infelizmente esse tema é carente de trabalhos no país, porém vem ganhando força no mundo todo, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, através das associações e entidades criadas para atender às necessidades dessa população. Vale a pena visitar algumas instituições americanas³ que oferecem uma variedade de serviços. A organização SAGE, USA, por exemplo, se empenha para proporcionar uma alta qualidade de vida para os adultos idosos LGBT. Oferece suporte e advoga por seus direitos, além de endossar um maior entendimento do envelhecimento em todas as comunidades, promovendo assim uma imagem positiva da vida LGBT nos seus anos de velhice.

Entretanto, com raras exceções, a militância LGBT brasileira também se esquece dessa faixa etária. Nas propostas que o movimento faz ao poder público, sempre de muita importância, não são levados em conta os gays idosos, embora muitos de seus líderes visivelmente já tenham passado dos 50 anos de idade.

Para os integrantes de uma geração que viveu, e de certa forma ainda vive, acuada pelo preconceito e discriminação, é muito difícil enfrentar tudo novamente quando chega à terceira idade, época em que normalmente estão mais fragilizados fisicamente e são dependentes dos cuidados de terceiros. Muitos temem por sua integridade física e moral e por esse motivo receiam não encontrar outra saída senão a 'volta para o armário', um retrocesso e um deserespeito consigo mesmo.

E para acolher este segmento é necessário conhecê-lo.

³ Ver <http://www.sageusa.org/> - <http://www.lgbtagingcenter.org/> - <http://caringandaging.org/>

Quem são as pessoas que compõem a diversidade de identidades do movimento LGBT? E quando se associa esta pergunta ao envelhecimento deste grupo, há uma multiplicação de velhices singulares com práticas sexuais, experiências sociais e identidades de gênero que acrescentam uma complexidade enorme ao processo de concepção dos velhos LGBT.

Com a intenção de iniciar um estudo e discussão sobre esse tema, ele se transformou em uma pequena pesquisa de final de curso dentro do Curso de Gerontologia Social do Instituto Sedes Sapientiae.

Algumas questões sobre o tema



Onde estão os idosos homossexuais? Como vivem? Como percebem o envelhecimento? Vivem numa situação de dupla discriminação? Estamos preparados para acolher essa parcela da população de forma não discriminatória, em um ambiente onde possam viver a velhice sem medo e culpa e manter o que foi duramente conquistado durante a juventude e a fase adulta? Quem os cuidará em uma velhice dependente se a maioria não tem filhos ou cônjuge?

O desafio mais relevante encontrado neste levantamento foi encontrar indivíduos que aceitassem conversar sobre o assunto. O contato com a comunidade homossexual se deu através do amigo de um dos autores que facilitou o acesso a uma realidade desconhecida da maioria da população, e muito diferente dos estereótipos negativos com os quais estamos acostumados. Um mundo onde o preconceito e a rejeição se fazem sempre presentes, e onde muitas vezes 'sair do armário' em qualquer idade é difícil e doloroso, senão perigoso. Neste universo foi comum a exigência de garantias de anonimato, o que mostra a relevante inquietação quanto à exposição. Deste modo a escolha dos entrevistados caracterizou-se pelos sujeitos homossexuais que aceitaram se expressar e confiaram no contrato oferecido pela pesquisa.

Metodologia

Captação dos participantes

Foi pedido aos primeiros sujeitos que indicassem outros sujeitos de seu meio sociocultural. Trata-se de método aleatório, portanto sujeito a vieses de triagem de indivíduos mais dispostos a participar de uma pesquisa.

Amostra

47 voluntários, 43 homens e 4 mulheres, com idades: 9 entre 18-30 anos, 34 entre 31- 60 e 4 com mais de 60 anos.

Procedimento

A pesquisa foi realizada em dois momentos distintos. O primeiro momento, via internet, foi direcionado aos voluntários e o segundo a 10 Instituições de Longa Permanência - ILPIs.

Instrumento

No primeiro momento, dirigido aos voluntários, foi criado um questionário via internet pensando tanto no público adulto jovem quanto nos mais velhos, visando abarcar uma ampla faixa etária de participantes. Esse instrumento permitia que o participante se mantivesse anônimo se assim o desejasse.

Foram elaboradas 22 questões, sendo 4 dissertativas e 18 de múltipla escolha, divididas em três blocos:

1 - Perfil - As primeiras questões objetivavam traçar um perfil do público pesquisado, no que tange à idade, situação financeira e estado civil, entre outras.

2 - Perspectivas para o futuro – questões abertas: como se prepara para o envelhecimento e como se espera vivenciar essa etapa da vida.

3 – Percepção sobre instituição para idosos – opinião sobre ‘voltar ao armário’ dentro de uma ILPI e como imagina uma instituição para viver a velhice.

O segundo momento foi dirigido às Instituições de longa permanência.

A pesquisa junto às instituições foi feita por meio do telefone, com 10 instituições escolhidas aleatoriamente através da internet, todas instaladas na cidade de São Paulo. Foi colocada a seguinte situação (fictícia).

“Tenho um tio de 78 anos chamado Antonio, homossexual assumido, cadeirante há um ano e meio em função de uma queda, sem sinais de demência. Infelizmente ele não tem condições de viver sozinho e nós (a família) não temos como nos revezar nos cuidados, então estamos buscando um lugar onde ele possa viver com dignidade e que não precise esconder sua orientação homossexual”.

Resultados e análise dos dados

Na avaliação dos dados qualitativos, foram utilizados métodos de interpretação mediante a técnica de análise temática de conteúdo, levantando categorias e comparando-as com as variáveis quantitativas levantadas por percentual respondido de respostas fechadas.

Perfil

Os participantes da pesquisa pertencem em sua maioria a um grupo social elevado, no qual 51% possuem o ensino superior, sendo 31% com pós-graduação, 36% ganham acima de seis salários mínimos e 34% acima de 11

salários. Quanto à moradia 15 moram com os pais, 11 com o companheiro, 16 sozinhos, 1 com amigo e 4 não relataram. Somente 5 têm filhos. Quanto à religião, 30% se declaram católicos, 21% ateus, 8% espíritas e 2% evangélicos.

Três questões abertas:

1 - Como você lida com sua orientação sexual?

36% dos participantes responderam: sem problemas e com transparência no âmbito familiar, social e profissional. 23% só a família e amigos íntimos. E 26% só amigos íntimos. 7% assinalaram: outros.

Para 36% se credita à alta escolarização e condição financeira a permissão para liberdade de escolha da orientação sexual e a manutenção de novas relações. Entretanto, o anonimato é confirmado por 49%, o que demonstra o medo e insegurança para exposição.

2 - Envelhecer para você é:

43% se encaixaram na afirmação: processo natural da vida como outro qualquer. Outros 26% marcaram que é uma boa etapa desde que esteja preparado para ela, 21% aceitaram que é um período desconhecido com ameaças para a saúde e restrições financeiras e sociais, e 2% nunca pensaram no assunto.

As transformações sociais e os desafios da velhice não atingem a todos de forma homogênea, e tampouco aos homossexuais que estão tateando na penumbra para inventar um estilo de vida que venha de encontro aos seus anseios.

3 - O que representa a palavra velha (o) ou idosa (o) para você?

49% assinalaram o velho singular, podendo viver sua vida de acordo com sua história pessoal; 19% imagem familiar dos idosos com os quais eu convivo; 6% o representado pelo social como improdutivo doente e chato; 17% velho do imaginário coletivo como sábio quieto, tranquilo e bom. E 9% assinalaram outros.

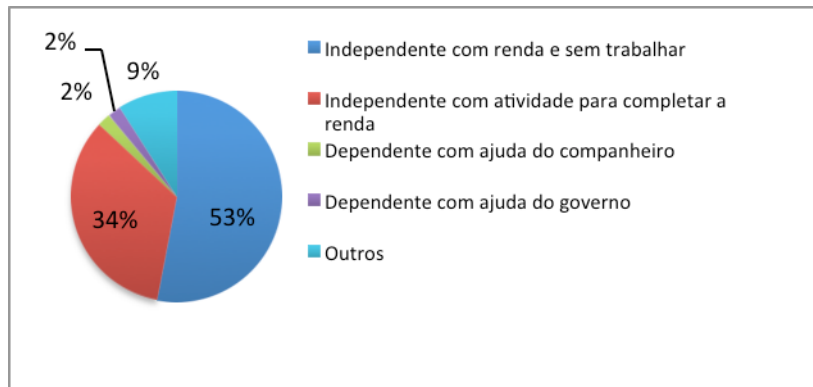
Embora acolham discursos positivos relacionados a velho ou idoso, as contradições vão aparecendo no decorrer da pesquisa, como veremos mais adiante. Refletir sobre o envelhecimento aciona as situações internas resolvidas ou não que se manifestaram nos depoimentos.

Perspectivas para o futuro

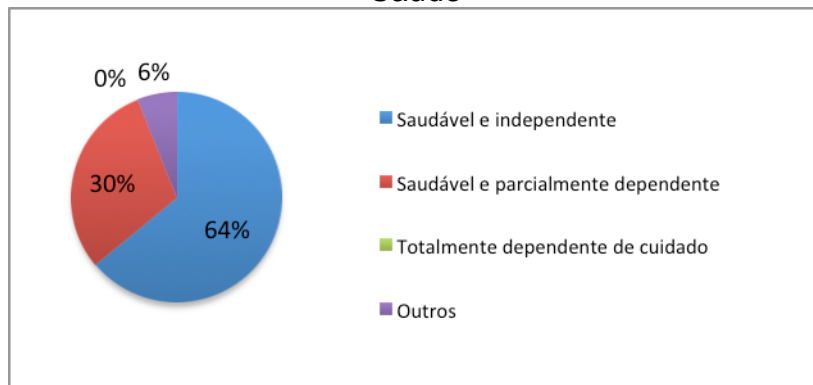
Questões fechadas

Com base na sua situação atual e no seu histórico pessoal e familiar, qual a alternativa mais próxima de você na terceira idade?

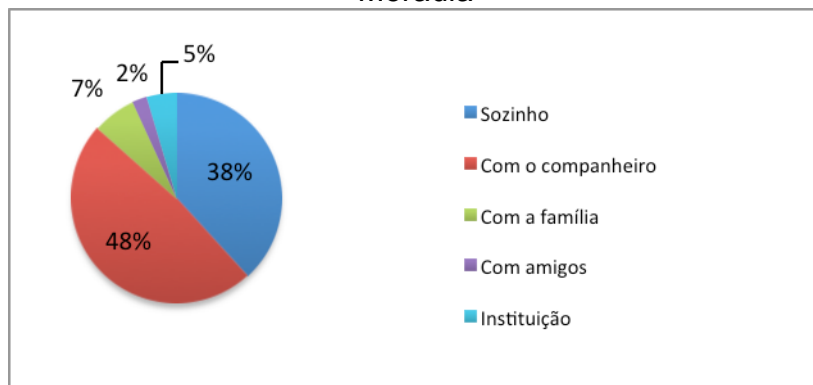
Financeira



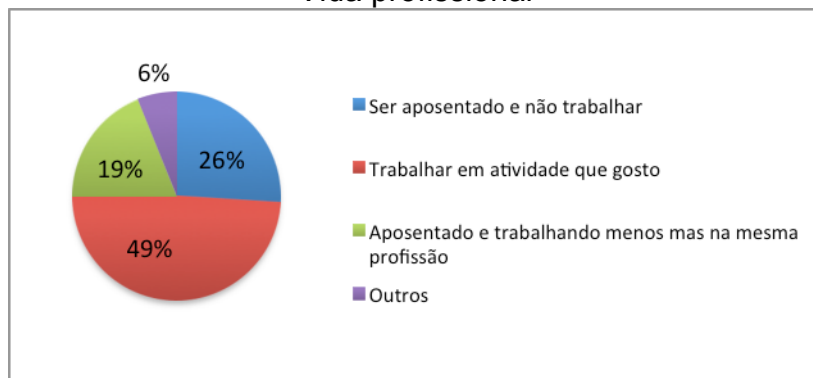
Saúde



Moradia



Vida profissional



Com uma situação econômica confortável pelos bons salários, 70% dos participantes informam que conseguem se preparar para ter uma velhice tranquila, e 53% sem trabalhar. Com relação à saúde, o fato de apenas 9% da amostra estar acima dos 60 anos justifica o otimismo de uma vida saudável e funcional na velhice, pois ainda não imaginam e nem estão sujeitos à fragilidade vivida pelos mais velhos. Este fato é confirmado quando nenhum deles concebe a hipótese de receber cuidados.



Existe uma estreita relação do indivíduo com sua casa e seu papel social, sendo importante destacar os laços estabelecidos com os objetos e o ambiente para a manutenção de seu equilíbrio e de sua própria identidade. Neste levantamento 77% mostraram a valorização da privacidade, garantindo seu estilo de vida com a escolha de 43% vivendo sozinhos e 34% com o companheiro, e apenas 4% se imaginaram morando em uma instituição. A família com apenas 6% de escolha revela a falta de vínculos familiares desfeitos ao longo da trajetória de vida.

Questões abertas

1 - Você se prepara ou pretende se preparar para a terceira idade? Como?

“Segurança financeira, cuidados com a saúde física e mental”;
“Cultivando amizades e me preparando economicamente”;
“Previdência privada e cuidados com saúde e alimentação”; *“Boa alimentação, boa saúde, vida com rendimento financeiro confortável”.*

“Fazendo pequenos investimentos em previdência privada para garantir uma aposentadoria extra”; *“Previdência privada”;* *“Faço investimentos”;* *“Pretendo me preparar economicamente”;*
“Planejamento pra conseguir a autosuficiência na terceira idade”;
“Sempre tento levar minha vida da maneira mais saudável possível”.

“Mantendo uma vida saudável, incluindo atividade física”; *“Só na parte física, fazendo exercícios”;* *“Praticando algumas atividades físicas”;*
“Tento manter hábitos mais saudáveis e a mente em atividade”; *“Já estou nela [...] tenho HIV há 12 anos e me cuido bem”.*

A maioria das respostas foi afirmativa com relação à importância de se ter saúde e segurança financeira, deixando evidente o quanto esse grupo evoluiu ao longo das últimas décadas, e que seus integrantes continuam encorajados

pela perspectiva de um futuro saudável e próspero. Entretanto nem todos, como veremos a seguir, se preocupam em construir condições seguras para viver a velhice de forma tranquila.

Relacionamento

“Minha preocupação maior é com relação à solidão”; “Procurando um relacionamento sólido e duradouro [...] cuidando de minha saúde”; “Quero ter filho(s) construir uma família que possa me dar apoio. Como jovem tenho rejeição da atual família, quando velho será pior”.

Esses depoimentos mostram que o medo da velhice vem acompanhado do medo da solidão. Por vários motivos os homossexuais têm mais dificuldade para construir uma relação estável; muitos chegam solteiros à meia idade, muitas vezes até distantes de suas famílias e de seus amigos. Essa situação deve causar certo pânico e traz questionamentos, tais como: será que vou envelhecer sozinho? Quem vai cuidar de mim? Eu não vou deixar nenhum legado neste mundo?

Sem pensar no assunto

“Nunca parei para pensar em me preparar para a terceira idade”; “Não me preparo nem irei me preparar para a terceira idade”; “Acredito não estar preparado. Sinceramente vivo um dia após outro”; “Não pensei nisso ainda [...] espero continuar ‘velho’ com a mesma alegria da minha juventude”; “Não há como se preparar. A única certeza é que resistir é uma luta inglória”; “ Não me preparo [...] vou levando a vida”; “Deixo a vida me levar”.

Interessante notar nessas falas - de “não preparação” ou “negação” - o fato de a velhice potencialmente não existir ou ao menos não ser algo aplicável a si mesmo. Segundo Messy (1993) existe um conceito comum partilhado pela maioria das pessoas: o velho é o outro. Talvez aqui o velho seja uma imagem com a qual eles não se identifiquem.

2 - Qual a sua opinião sobre ter que ‘voltar ao armário’ dentro de uma ILPI (Instituição de Longa Permanência para Idosos)? Que circunstâncias o levariam a fazer isso?

“Não me vejo retornando ao armário, uma vez que procuro viver de forma a respeitar e ser respeitada”; “Não consigo imaginar tal situação”; “Não me submeteria a esta situação”; “Não pretendo voltar ao armário, em hipótese alguma”; “Não volto [...] não abro mão da minha individualidade”; “Nenhuma circunstância faria voltar no tempo e abrir mão das minhas conquistas”; “Nunca [...] as pessoas têm que me aceitar como sou”.

“Violador demais, ultrajante, nazista [...] só o faria caso não

houvesse nenhuma outra forma de sobreviver”; “Impensável, no entanto o faria para manter minha própria integridade física e moral”; “Um retrocesso no final da vida, um desrespeito comigo [...] Só faria se fosse absolutamente necessário para a minha sobrevivência”.

“Somente a violência física me faria obrigado a isso na 3ª Idade”; “Extrema solidão física e sem ninguém [...] jamais voltaria, a menos que estivesse sendo ameaçado de morte”; Em casos extremos [...] uma dolorosa e sofrida volta ao armário”; “Com medo de ameaças à minha integridade, se eu não tivesse condições físico-psicológicas de enfrentá-las”.

Sobre 'voltar para o armário', a recusa foi quase uma unanimidade exceto pela suposição de que essa condição possa colocar em risco a integridade física. Assim, novas questões surgem para os indivíduos velhos e envolvem aspectos que se delineiam ao longo da vida do homossexual, como a luta por afirmar a homossexualidade na trajetória de vida, a conquista de direitos e a saída definitiva do armário.

Apenas duas pessoas cogitaram essa possibilidade.

“Se eu estiver sozinho, a volta ao armário pode ter um custo pequeno, e então talvez valha a pena pagar este preço”; “Sinto que nessa idade não fará diferença”.

Grande parte dessa geração não teve apoio familiar ou comunitário para 'sair do armário', e o ficar significa sobrevivência para se proteger de um mundo hostil por medo e vergonha em enfrentar constrangimentos. Paga-se um alto preço para subverter a norma heterossexual. Outra hipótese é que ainda prevalece uma ideia de que o idoso, hetero ou não, está destituído de desejos, anseios ou vontades nessa altura da existência. Entretanto para a psicanálise, como afirma Messy (1993): *na circulação da libido não há jovem nem velho, o desejo não tem idade.*

3 - Defina resumidamente como seria uma ILPI ideal (instalações, profissionais, atividades, localização, etc...)

“A que põe em prática os direitos básicos de cidadania, ética, bom senso e profissionalismo”; “Laica, democrática e com um tratamento/atendimento adequado [...] Não queria mesmo ir para uma instituição feia, malcheirosa [...] com religiosos me ensinando no fim da vida que estive errado e que devo me arrepender pela vida que tive!”; “Acolhedor [...] com atividades voltadas à educação [...] e, por que não, de paquera”; “Uma casinha, apto/flat num condomínio com infraestrutura [...] em uma cidade não muito grande, mas próxima a um grande centro!”; “Arejado, claro, alegre [...] grupos de estudo/discussão/terapia [...] laica”; “Funcionários bem resolvidos com a questão da orientação sexual, instalações adaptadas, atividades culturais, sociais e físicas”.

“Profissionais qualificados [...] acolhedor, divertido, funcional e que não violasse a dignidade das pessoas, e que não custasse tão caro como é hoje”; “Instituição simples, porém aberta ao público LGBT com total respeito às suas particularidades”; “Local agradável, profissionais qualificados para tratar a homossexualidade como normal”; “Lugar tranquilo, com profissionais qualificados”; “Muito verde e espaço amplo”; “Quartos privativos com banheiro adaptado, profissionais conscientes da questão LGBT e suas particularidades, permissão de visita íntima, namoros e demonstrações de amor e afeto”.

“Num lugar calmo não muito longe do centro, com instalações modernas, confortáveis e funcionais”; “Quartos individuais, providos de passatempos (TV com DVD e livros). Profissionais bem treinados e atenciosos [...] deveria ter algum serviço de deslocamento disponível” “Um local onde o silêncio e a tranquilidade fossem permanentes [...] profissionais dedicados, amáveis e qualificados”.

“Com participação dos habitantes inclusive nas tarefas da instituição”; “Chalés para que cada um mantivesse sua individualidade [...] seria interessante se os inquilinos fossem amigas (os)”; “Uma instituição onde os profissionais respeitem o ser humano”; “Uma instituição que trata dos seres humanos, independente da sua sexualidade”; “Unidades autônomas para moradia sozinho ou grupos de poucas pessoas.

Apenas uma resposta se referiu a um local exclusivo para homossexuais:

“Uma espécie de condomínio com áreas e serviços privados e outros comuns, voltados exclusivamente para idosos homossexuais”.

Sobre a questão da 'instituição ideal', notamos uma tendência à manutenção da privacidade - apartamentos, chalés, casinhas, quartos individuais, que sejam confortáveis, que ofereçam atividades culturais, e que sejam não muito longe do centro de forma que possam fazer alguma atividade externa.

Chama a atenção o interesse de muitos por uma instituição laica, com profissionais qualificados e não voltada para o público LBGT. Ainda assim, se tivessem que escolher, a maioria preferiria ir para uma instituição mista que os acolhesse, ao invés de uma instituição exclusivamente LGBT desde que fossem tratados com o devido respeito, por funcionários qualificados e preparados para atendê-los. Mas na prática apenas 4% se imaginou morando em uma instituição.

4 - Espaço livre para escrever sobre o envelhecimento (experiência, opinião, etc)

“Envelhecer é aceitar a maturidade”; “Envelhecer é uma dádiva do

universo, portanto deve-se viver com alegria e aceitar limitações físicas”; “Esta pesquisa me fez refletir a necessidade de discutir mais esse assunto com os jovens brasileiros. A liberdade de expressão que temos conseguido, de mobilização em volta dos direitos humanos (gays) também deve perpassar essas reflexões. Conversar sobre isso ainda é tabu”.

“O único que tenho definido em relação ao meu envelhecimento é que quero envelhecer bem. Viver todas as fases da minha vida dignamente e com muita alegria. A maioria das histórias que conheço de gays idosos geralmente está ligada a abandono e solidão, mas decidi que não vou viver minha vida com medo que o meu caminho seja o mesmo. Posso até chegar à terceira idade sozinho, mas não quero me sentir só ou abandonado. Quero chegar lá sabendo que minhas escolhas me levaram até aquele ponto, mas que terei dignidade pra terminar meus dias em paz com isso”.

“Os idosos me encantam pelas possibilidades que tiveram, criaram, aproveitaram, ou que deixaram escorrer por entre seus dedos. Fascinam-me pelo simples fato de terem tido uma longa vida, repleta de louros e espinhos”; “O ideal é viver com alegria, não levar nada muito a sério, sorrir”.

Esta geração se encontra no auge das mudanças sociais espelhadas em novos estilos de vida gay, com o crescimento do mercado de consumo, dos espaços de entretenimento homoerótico, das formas de lazer, das manifestações públicas e da reafirmação política de direitos sociais e civis.

Percebe-se uma idealização do envelhecimento, o que remete à classe social, ao bom nível intelectual ou ao fato da maioria não ter ainda entrado na terceira idade. Com relação a idade dos sujeitos é importante lembrar que 34% estão entre 31-60 anos e apenas 9% estão acima dos 60 anos.

Entretanto, os gays maduros e idosos integrantes desta pesquisa convivem bem com a passagem do tempo e, abertos às transformações sociais e culturais, adaptam-se mais ao tempo presente. Isso é um facilitador para inserção social, para descobrir lugares para frequentar, criar novos vínculos de amizade e se ocuparem com novas rotinas. Para eles, a velhice seria um processo natural e acontece independentemente da orientação sexual.

Filhos

“A terceira idade deve ser pensada com mais cuidado quando não se tem filhos [...] no final das contas só filho ou alguém que se tem como filho assume a responsabilidade de cuidar de gente idosa”; “Penso em adoção ou barriga de aluguel [...] quero ter filhos, construir uma família que possa me dar apoio. Sou jovem e tenho rejeição da atual família [...] o envelhecimento me assusta, conheço poucos, contados nos dedos, os LGBTs idosos, e sei que são

muitos, mas invisíveis. O medo, a solidão, a dor, tudo pesa em dobro pela idade, e isso me assusta, sei que vou envelhecer, e não quero voltar ao armário, nem viver só”.

Quando gays maduros se comparam, ainda que equivocadamente, ao heterossexual, surge uma crise existencial relacionada à questão da família consanguínea. A observação do cotidiano e a literatura gerontológica têm mostrado que filhos e familiares não são garantias dos cuidados na velhice.

Identidade x realidade

“Eu não queria ser gay. Envelhecer é um processo, mas por mim eu pararia agora, aos 36 anos”; “Espero que em minha velhice eu possa viver uma realidade diferente da atual”; “Tenho certa dificuldade em vislumbrar minha velhice, mesmo que eu sempre pense nisso. Tenho a sensação de que não estarei viva para desfrutar minha terceira idade”.

O constrangimento com a própria homossexualidade suscita, muitas vezes, as dúvidas em relação a si mesmo e à obrigação de justificar a diferença – cumprimento social do casamento heterossexual – que conduz a um alto preço pessoal. A consequência dos conflitos de identidade que aparecem na gestão da vida individual se não elaborados se agravam com os desafios do envelhecimento.

Pesquisa relatada por Ceará & Dalgalarro (2010) evidencia que o idoso gay ou lésbica vivencia posição de risco em situações sociais que possibilitam a instalação de estigmatização e mal estar subjetivos “como expressão de uma crise de identidade perante a orientação sexual, estendendo-se ao longo da vida até fases adultas mais avançadas e velhice, o que pode proporcionar altos níveis de estresse psicológico”

Percepção da velhice

“O envelhecer tolhe, limita e confina o idoso a espaços pequenos. Ele se sente um prisioneiro, muitas vezes se nega a reconhecer aquele espaço como seu”; “Penso que envelhecer seja mais uma limitação para as suas escolhas de parceiros. Ainda mais agora é que decidi me aceitar gay, e resolver ficar aberto para um possível parceiro, percebo que muita gente só tem olhos para os gays jovens. Será isso normal?!”.

“Me entristece muito o fato dos idosos serem tratados como “descartáveis”, pelo simples fato deles não serem, pelo contrário, são pessoas - de um modo geral - com bagagem”; “Então, no auge de meus 33 anos, me pego chorando feito uma criança desamparada, lembrando de todos os velhos e velhas que amo, lamentando a dor dos que são violados em seus direitos à dignidade, afeto e respeito e, claro, temendo ser um desses”.

O enfrentamento dos desafios do envelhecimento é difícil, independente da orientação sexual, mas para este grupo torna-se ainda mais complexo devido uma coleção de variáveis que contribuem negativamente. Dentre elas, a falta de parceiro, isolamento social, discriminação e violência que são fatores de risco para problemas psicológicos, físicos e mentais. Para muitos a velhice ainda é tabu e neste grupo a ideia de envelhecer é ameaçadora, como se fosse uma sentença de morte.

Os dados descritos por Ceará & Dalgalarondo (2010) revelam um maior índice de transtornos mentais no grupo de idosos homossexuais quando comparado ao grupo controle (idosos heterossexuais) bem como os participantes homossexuais presenciaram com mais frequência situações de discriminação e preconceito.

Interessante pontuar que existe preconceito contra o idoso *dentro da própria população LGBT*, principalmente entre os gays. Nesse universo, a cultura do “corpo sarado” é muito presente, e o gay idoso não consegue corresponder mais a este tipo de estereótipo. Isso também faz com que ele se isole e sua vida social fique restrita a lugares frequentados por gente da sua faixa etária

ILPIs – resultado do levantamento

Não houve um questionário formal com as ILPI's. Foi descrita a cada uma a situação fictícia relatada no início desta pesquisa. Em cada instituição a conversa fluiu de maneira variada, com diferentes posicionamentos. Segue-se um resumo dos principais pontos:

As mensalidades em 2012 variaram entre R\$ 2.500 (quarto triplo) a R\$ 8.000,00 (apartamento particular - onde poderia haver TV).

As perguntas mais frequentes das ILPIs foram: “Mas ele é muito afeminado?” “É desrespeitoso?” “É muito assanhado?”

Quando perguntados sobre a possível rejeição dos funcionários, principalmente considerando-se que haveria necessidade de ajuda para a higiene íntima, a maioria das instituições respondeu que não haveria problema porque as responsáveis pela higiene eram mulheres. Em oito delas os responsáveis pela higiene dos idosos são do sexo feminino.

Sobre atividades culturais, as instituições não contam com nenhuma estrutura para transportar o idoso para cinema, teatro etc – apenas uma delas faz uma atividade externa (cinema) [...] e a cada 6 meses! A maioria dispõe somente de sala de TV, onde o idoso pode assistir com os demais internos.

Uma das instituições demonstrou certa preocupação por ter entre seus internos um militar e um policial aposentado. Pediu para conhecer o 'meu tio' antes de dizer se poderia aceitá-lo ou não, porque ele poderia ter problemas de relacionamento.

Quando questionada se haveria algum problema com relação a visitas, já que o 'o tio' tinha vários amigos que o visitavam com frequência, uma das atendentes quis saber se era 'visita íntima'!

Discussão sobre o caso fictício proposto à instituição

Todas as instituições se mostraram receptivas para receber o idoso, porém nenhuma contava com algum tipo de treinamento específico para lidar com esse público. Praticam o 'politicamente correto' – aceitam, mas não estão minimamente preparadas para acolher este idoso e lidar com os problemas que eventualmente possam surgir em decorrência da sua orientação sexual, principalmente no relacionamento com os demais internos e funcionários.

O preconceito com relação a este grupo no que toca a um possível assédio dirigido aos funcionários homens foi manifestado na seguinte afirmação: *não teremos problemas porque os responsáveis pela higiene dos idosos são do sexo feminino*. A simplicidade dessa resposta é outro sinal da falta de qualificação para lidar com a complexidade que envolve este assunto

A maioria demonstrou maior preocupação em saber se o tio 'era muito afeminado' ou 'desrespeitoso', certamente por conta dos problemas que isso poderia causar e com os quais a instituição não saberia tratar. Ou seja, não estão prontas para lidar com este público tão diferenciado e com necessidades tão específicas. Além disso, nenhuma delas oferece qualquer tipo de atividade cultural – no máximo um DVD na sala de TV, isso por um preço que está longe de ser considerado acessível para a maioria das pessoas.

Independente do acolhimento a esse grupo, a tradição tem mostrado que as instituições para idosos no Brasil não são bem vistas e estão associadas a uma imagem negativa ligada à exclusão social, perda de autonomia e dominação. Certamente este é um problema nacional endereçado *a todos os idosos* e não exclusivo dos homossexuais. Entretanto, considerando-se que estes, na sua grande maioria, não têm filhos e chegam sozinhos à terceira idade, é provável que além de tudo sofram uma dupla discriminação por serem simultaneamente idosos e homossexuais.

Não obstante, a opção da Instituição é necessária e deve existir. De um modo geral, ir para uma instituição é um caminho presumível para a população idosa, como acontece aqui e em muitos países, independente disso ser bom ou ruim. Porém muito se tem a fazer para que as ILPIs sejam consideradas *uma opção* e não *'a última opção'*, um lugar com serviços profissionais humanizados onde o cuidado reflita o respeito pelas diferenças pessoais.

Conclusão

Boa parte desse grupo representa uma parcela da sociedade mais favorecida, que não tem problemas em explicitar sua orientação sexual, e cujos integrantes aparentemente estão se preparando para ter uma velhice tranquila, com uma situação econômica confortável, boa saúde, vivendo com companheiros ou sozinhos.

Outros, através de suas falas, mostram o sofrimento mental causado pelo preconceito e pela discriminação, através da violência psicológica e física, refletindo o contexto histórico e social de suas vidas. As adversidades que atravessaram podem comprometer a sua saúde e gerar dúvidas quanto a um futuro bem-estar na velhice, e na verdade alguns relutam em pensar ou se preparar para uma etapa que não têm certeza que ocorrerá.



É fato que estamos ainda engatinhando quando o assunto é ILPI para o idoso LGBT. Existe a questão de como construir uma política de saúde para pessoas que vivem a diversidade sexual e capacitar os profissionais de saúde e de outras áreas para a compreensão dessa temática, da materialidade corporal dessas pessoas, que difere bastante entre si. É necessário estudar e pesquisar este tema para se ter noção de todas as nuances que o envolvem para então conseguir atender profissionalmente essas pessoas.

Até mesmo em países mais desenvolvidos, só recentemente a preocupação com esta parcela da população transformou-se em ações concretas, com a construção de centros específicos onde possam viver a última fase de suas vidas com dignidade.

É importante reiterar que a amostra estudada é procedente de uma classe social com renda média superior a da população geral, e que a maioria dos sujeitos apresenta nível de escolaridade superior. Seria oportuno investigar se esses dados encontrados aqui seriam diferentes em uma população com baixa renda e menor nível de escolaridade. Outra limitação deste estudo é o fato de a seleção não ter sido aleatória e de os participantes indicarem pessoas do seu círculo pessoal e social com atributos semelhantes entre si, o que influencia os resultados.

A temática de 'homossexualidade e velhice' é ainda um enigma e a timidez de produção acadêmica também influenciou a realização da análise e discussão dos dados. É importante a realização de estudos futuros que poderão proporcionar novos subsídios, consolidando a necessária discussão acerca da relação existente entre gênero, sexualidade e velhice.

Considerações gerais

Ainda teremos muitos problemas e um longo caminho pela frente sobre como equacionar a questão da diversidade sexual e envelhecimento. A geração homoafetiva mais velha ainda vivencia a terceira idade da mesma forma como

provavelmente viveu: acuada, discriminada e marginalizada, e por esse motivo alguns aceitam resignadamente a 'volta ao armário'. Entretanto, a necessidade do auxílio para a superação deste sofrimento é comum a todos - tanto estar "dentro do armário" quanto "sair do armário" traz sofrimento porque gera preconceito e discriminação. Em qualquer lugar, dentro ou fora, de alguma forma existe pressão, seja de si mesmo, seja do outro. Uma vez que se passou toda a juventude e a fase adulta sendo discriminado pela família e sociedade não se pode imaginar uma velhice sem preconceitos.

A atual geração LGBT, os jovens adultos, tem a seu favor uma série de conquistas em todas as áreas e vive mais plenamente sua sexualidade, 'saindo do armário' muitas vezes ainda na adolescência. Esta geração vem ganhando o respeito e o espaço que merece, e certamente chegará à terceira idade numa situação completamente diferente - não aceitará passivamente esta negação do seu direito de viver plenamente essa etapa da vida, exceto, é claro, se esta for a única opção ante qualquer outra que ponha em risco sua integridade física. Entretanto muitas questões estão sem respostas, como formula Paiva (2008, p. 13):

Qual visibilidade social há para o gay velho em nossa sociedade? Que tipo de legitimidade há para um curso de vida que saiu dos trilhos, que introduz desrazão nos roteiros biográficos que a maioria dos indivíduos performatiza em suas vidas? Que mediações culturais vêm ao encontro desses indivíduos na direção de um reconhecimento positivo dos saberes vivenciais tecidos por eles, muitas vezes em resposta a situações de exclusão, de liminaridade, para não falar de experiências de clandestinidade e de vulnerabilidade à violência, sofridas por esses sujeitos no curso de sua vida e cometidas tantas vezes mesmo pelos poderes públicos? Qual o legado que tais indivíduos deixam e como esse legado pode ser identificado e assumido como herança a ser valorizada na construção de uma sociedade democrática e pluralista? Se o respeito às populações vulneráveis à violência, à exclusão, à desigualdade e à estigmatização – conjunto no qual destaco as mulheres, os jovens em situação de marginalização social, os velhos e os GLBTT – pode ser considerado termômetro social da efetivação da cidadania, temos que, no que diz respeito ao respeito aos homossexuais velhos, a sociedade brasileira padece de severa crise.

Este estudo, ainda que bastante preliminar, nos instiga a pensar sobre novas perspectivas para pesquisar a identidade sexual e o envelhecimento dentro da diversidade do movimento LGBT. Tudo isso ainda está em construção; são discussões novas que ainda precisam ser pensadas e avaliadas com profundidade sobre as diferentes identidades sexuais e suas vivências ao longo de diferentes etapas da vida.

Referências

CEARÁ, A. T. & DALGALARRONDO, P. Transtornos Mentais, Qualidade de Vida e Identidade em Homossexuais na Maturidade e Velhice. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(3), 2010, pp. 118-23.

DEBERT, GG; HENNING, CE. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *Mais 60 – Estudos sobre Envelhecimento*. Vol. 6 n. 63 dezembro 2015, pp.8 – 31.

FERNANDES, J; BARROSO, K; ASSIS, A E PORAHY, F. Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Clínica & Cultura* v. IV, n. 1, jan-jun 2015, pp. 14-28.

HENNING, CE. *Paizões, tiozões, tia e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Tese Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Univ. Estadual de Campinas, 2014.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: Aleph, 1993; p.10.

MOTA, M.P. *Ao sair do armário entrei na velhice... Homossexualidade masculina e o curso da vida*. Rio de Janeiro: Ed. Móbile, 2014.

PAIVA, C. Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. Trabalho apresentado na mesa “Olhares das margens mais distantes: sexualidades dissidentes e domesticação dos prazeres”, no Seminário *Das margens aos centros: sexualidades, gêneros e direitos humanos*, em Goiânia, de 25 a 27 de setembro de 2008.

Fotos extraídas do site: <http://www.lgbtagingcenter.org/>

Data de recebimento: 20/10/2016; Data de aceite: 29/11/2016.

Maria das Graças Sobreira Leal – Psicóloga; Mestre e doutora em psicologia, coordenadora do Curso de gerontologia Social do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo. E-mail: gracas.leal@gmail.com

Márcia Regina de Oliveira Mendes - Matemática, profissional de Tecnologia da Informação e ex-aluna do curso de Gerontologia Social. E-mail: marcia-mds@uol.com.br